

---

# TESSELAS DE UMA CIDADE: REFLEXÕES SOBRE AUTORIA NA ARTE PÚBLICA A PARTIR DA OBRA DE RAPHAEL SAMÚ

Marcela Belo

FAPES/PPGA UFES – mbelog@yahoo.com.br

José Cirillo

CNPQ/FAPES/PPGA-UFES

No contexto das reflexões sobre autoria, este texto reflete sobre o processo de criação de uma obra mural, destinada à cidade. Por sua grande dimensão, cerca de 168,27 m<sup>2</sup>, a obra contou com uma grande equipe de produção, mas sem ação efetiva na alteração do projeto autoral de Raphael Samú. O texto se propõe a apresentar o modo de concepção das obras murais do artista plástico Raphael Samú, demonstrando sua autonomia quanto à criação artística. Pretendemos analisar também a importância de seu ateliê para o processo criativo de suas obras como elemento efetivador de uma autoria centrada no artista.

Palavras-chave: Processo de criação, Produção em Ateliês, Autoria Artística.

*En el marco de las reflexiones sobre la autoría, el texto reflexiona sobre el proceso de creación de un mosaico conmemorativo para la ciudad de Vitória, ES. Por su gran tamaño, de unos 168,27 m<sup>2</sup>, la obra tuvo un gran equipo de producción, pero ninguna acción efectiva para cambiar el proyecto del autor Rafael Samú. El texto tiene como objetivo presentar la forma de diseñar las obras murales del artista Raphael Samú, demostrando su autonomía como la creación artística. Tenemos la intención de analizar la importancia de su estudio para el proceso creativo de su trabajo como parte de un hacer artístico centrado en la autoría personal.*

*Palabras clave: Proceso de creación, Talleres de producción, Autoría artística*

## Introdução

As cidades contêm um repertório artístico o qual o transeunte, muitas vezes, acaba não dando conta de assimilar, devido ao grande número de informações visuais presentes nela, como por exemplo, na publicidade excessiva da contemporaneidade que transformou as cidade em imagens de si mesmas. O lugar reservado às obras de arte vem sendo questionado e muitos teóricos defendem esta saída dos espaços institucionais, promovendo assim maior aproximação com o público.

Alguns autores debruçaram-se sobre este assunto, mas existem várias perspectivas que devem ser tidas em conta, um autor que se destaca no estudo da cidade é o arquiteto e teórico americano Kevin Lynch. Seu livro *A Imagem da Cidade* ([1960] 1997) consiste numa análise de vários aspectos das cidades e dos elementos que a compõem, fazendo também um estudo que analisa e descreve três cidades americanas: Boston, Los Angeles e Jersey City.

O texto fala da importância da imagem que cada um faz de sua própria cidade e de sua singularidade. Cada cidadão tem vastas associações com alguma parte de sua cidade, e a imagem de cada um está impregnada de lembranças e significados. Para Lynch “o *design* de uma cidade é, assim, uma arte temporal, mas raramente pode usar as seqüências controladas e limitadas de outras artes temporais como, por exemplo, a música. Em ocasiões diferentes e para pessoas diferentes, as seqüências são invertidas, interrompidas, abandonadas, anuladas. Isso acontece a todo passo” (LYNCH, 1997, p. 01).

Murais, painéis, monumentos, ou mesmo esculturas de grande porte formam uma arte de escala mais abrangente, na qual o artista mantém uma relação de integração com um público muito maior, construindo, assim, a imagem da cidade e construindo o imaginário das pessoas que ali habitam.

Neste contexto, o artista Raphael Samú, artista de origem paulistana radicado no Espírito Santo desde os anos de 1960, encontra-se inserido na discussão da arte para espaços públicos da cultura capixaba, seus mosaicos murais estão presentes na cidade e na memória dos habitantes de Vitória.

Antes destas obras “invadirem” o espaço público, existe todo o processo de criação artístico que se inicia dentro do ateliê do artista. Portanto, a finalidade deste artigo é entender um pouco o lugar onde Samú exerce sua criatividade artística, o qual reforça o conceito de autoria centrada na figura do artista. Veremos também como a questão da autoria se aplica aos trabalhos deste artista. Para subsidiar a observação deste espaço teremos como base o ensaio intitulado *A função do ateliê* (1971), do artista francês Daniel Buren.

## Sobre o artista

Raphael Samú nasceu em São Paulo, em 1929, sua mãe era romena e seu pai húngaro e escolheram o Brasil para viver. Em 1948, um amigo de seu pai que já havia estudado Belas Artes começou a lhe dar aulas de pintura e no ano seguinte, 1949, foi aprovado para ingressar na Escola de Belas Artes de São Paulo.

Durante sua vida acadêmica, Samú fez alguns cursos, tais como o curso de monitoria para a II Bienal Internacional de São Paulo; o curso de gravura na Escola de Artesanato do Museu de Arte de São Paulo, estudou gravura em metal com Mário Gruber; História da Arte com Wolfgang Pfeiffer e xilogravura com Lívio Abramo. Formou-se em escultura em 1955, na Escola de Belas Artes e em seguida fez um curso de litogravura com Renina Katz, no Museu de Arte de São Paulo – MASP.

O contato com o mosaico ocorreu durante sua graduação quando ele fez uma viagem à Bahia e fez alguns croquis de uma feira local. Um desses croquis, feito a guache, retratava a cena de uma pescaria. De volta a São Paulo, este desenho foi visto pelo professor Joaquim da Rocha Ferreira, que tinha acabado de voltar de Ravena, na Itália, que achou interessante executá-lo com a técnica do mosaico. Assim, executou o seu primeiro mural em mosaico.

Em 1958 Samú foi contratado para trabalhar na divisão de mosaicos da Vidrotil, empresa fabricante de pastilhas de vidros (tesselas) fundada em 1947 em São Bernardo dos Campos - São Paulo, onde ele trabalhou até 1961. O trabalho nessa fábrica foi de suma importância para o seu aprimoramento nessa técnica. Lá, ele recebia projetos, ampliava e supervisionava a execução dos mosaicos. Realizou, entre outros, mosaicos de Di Cavalcante, Lívio Abramo, Clóvis Graciano e Cândido Portinari. Aqui, nesta fase ainda sobre a vida do artista podemos verificar que há uma tensão entre a autoria do objeto plástico e sua produção. Durante esse tempo a serviço da Vidrotil, Samú é um executor de projetos autorais de artista consagrados da arte moderna brasileira. Ele recebia os cartões com a imagem da obra a ser executada, devendo realizá-la sem intervir em seu processo criativo, ou mesmo reclamar sua autoria pela transposição da linguagem do desenho/pintura no papel (cartão) para a linguagem das tesselas de vidro. Neste contexto de separação entre a criação da obra e sua execução, entre o saber estético do artista e o saber técnico do executor, foi sendo formada a concepção de autoria de Raphael Samú. Porém, depois de longo período na Vidrotil, Samú decide seguir por conta própria e lança-se em outras missões no campo da arte. Muda-se definitivamente para o Estado do Espírito Santo com o qual já flertava há alguns anos como mosaicista.

Em 1961, no contexto da federalização, a Universidade Federal do Espírito Santo precisava contratar professores qualificados, então, Raphael Samú e sua esposa Jerusa, que também era artista plástica, candidataram-se a esses cargos. Seus currículos foram aprovados pelo conselho da Escola de Belas Artes e, no ano seguinte, mudaram-se para o Espírito Santo, onde ele lecionou até 1989.

## Do ateliê para a cidade



**Figura 1:** Mural da UFES (superior), Edifício Cauê (inferior esquerda), Edifício Aldebaran (inferior centro) e Residência em Bento Ferreira (inferior direita). Fotografia de Marcela Belo.

Paralelamente às atividades didáticas, Raphael Samú deu continuidade ao seu trabalho como mosaicista no Estado. A chegada à cidade de Vitória coincidiu com um período de crescimento urbanístico, quando um grande número de construções reclamava uma decoração mais sofisticada, o que abriu para ele um excelente campo para seus painéis em mosaico. Foi com esse trabalho que Samú tornou-se conhecido, executando seus mosaicos em diversos locais, tais como edifícios públicos e privados, casas particulares, escolas, escritórios, dentre outros (figura 1)

Ao transferir-se para o Espírito Santo Samú passou a investir em sua produção autoral, estreitando a relação obra/autor deixada um pouco de lado no período no qual trabalhou na Vidrotil. Neste momento o artista, que adquiriu os conhecimentos técnicos necessários nesta fábrica, passou a explorar sua própria linguagem plástica. Porém, esta não era bem definida, transitava do abstrato para o figurativo com muita tranquilidade, atendendo assim as encomendas dos clientes. A partir de então, o artista firmou-se no mercado capixaba empregando sua assinatura em diversos murais.

Em entrevista concedida pelo artista pudemos perceber as etapas do seu processo de criação. Primeiramente ele recebe uma encomenda e pergunta ao cliente se há alguma preferência específica pelo tema do mural, a partir de então ele cria o desenho, que é submetido à aprovação. Caso afirmativo, inicia a confecção de um croqui em papel vegetal, que posteriormente é ampliado para o tamanho natural do mosaico. A partir de então inicia-se a montagem das tesselas.

Todo o processo criativo da obra, incluindo a montagem das tesselas, é feito pelo próprio Samú, diferentemente do processo da Vidrottil, na qual o artista entregava um cartão com o desenho proposto e a fábrica ficava encarregada da sua montagem. Samú somente terceiriza a mão-de-obra dos mestres de obras, que aplicam o mosaico pronto à superfície desejada.

A exceção deste processo criativo dá-se na montagem do mural da Universidade Federal do Espírito Santo (figura 1 – imagem superior). A disciplina Mosaico ainda não fazia parte da grade curricular dos cursos presentes no Centro de Artes da UFES, mas aliada à encomenda que recebeu do então Reitor (Máximo Borgo), de criar um mural na entrada da Universidade, Samú interessou-se em dividir sua experiência com as demais pessoas, portanto criou um projeto de extensão onde foi possível ensinar a técnica mu-siva à diversas pessoas.

O artista criou um ateliê no Centro de Artes da Universidade e passou a trabalhar neste espaço recebendo a colaboração de diversas pessoas na montagem do mosaico, sendo estes: amigos, alunos, outros professores, técnicos administrativos e uma auxiliar oficial, chamada Elisabeth M. Cabral. Curiosamente, este é o único mural, do qual temos conhecimento, que Samú inclui outra pessoa na assinatura do mural (figura 2). Elisabeth aparece apenas como auxiliar, ou seja, em momento algum compartilha a autoria da obra, participa apenas do processo de execução do mosaico.

Raphael Samú afirma que as pessoas que o ajudaram neste processo tinham uma visão muito fragmentada da obra, colocavam as tesselas sobre o desenho seguindo o projeto fixado na parede do ateliê, mesmo sem identificar o desenho rapidamente, devido à sua grande escala.

Mesmo recebendo a colaboração de diversas pessoas para a confecção deste mural, as fotografias tiradas durante este processo (figura 3) demonstram um artista solitário, tal qual no seu ateliê particular. Ele não possui em seu acervo particular fotografias de toda equipe de trabalho.



**Figura 2:** Assinatura do mural Fonte: Fotografia de Marcela Belo



**Figura 3:** Ateliê montado no Centro de Artes - UFES. Fonte: Fotografias de Wallace Neves. Acervo de Raphael Samú

Esta obra estabelece relações com o momento histórico e o ambiente cultural no qual o artista estava inserido, ou seja, dialogava diretamente com os acontecimentos da década de 1970. A obra reflete diversas questões representativas da contemporaneidade: a corrida espacial, a evolução da pesquisa científica, a criação dos computadores e a moda. A concepção desta obra partiu de uma encomenda para a Universidade Federal do Espírito Santo, portanto necessitava difundir os valores advindos da pesquisa científica. A divulgação de tais valores era importante na conjuntura política do país, que necessitava de mão-de-obra especializada para alavancar o crescimento econômico do país. Portanto, esta transposição de imagens do dia-a-dia do artista para a obra solidifica ainda mais o caráter biográfico da obra.

O ateliê do artista (figura 4) nos fornece indícios do caminho percorrido durante o processo de criação de suas obras e reforça o aspecto autoral centrado no seu projeto plástico e em suas experiências de vida, o que dá ao seu trabalho um cunho biográfico e demarca um conceito de autoria subjetivamente construído. Encontramos livros, revistas, jornais, desenhos, pinturas, gravuras, serigrafias, croquis, projetos de execução, revistas em quadrinhos, fotografias de obras executadas e objetos de arte adquiridos nas diversas viagens que fez durante sua vida. Seu ateliê é uma extensão de sua casa, é onde o artista passa a maior parte de seu dia: produzindo, recebendo amigos e estudantes para pesquisa, assiste televisão, escuta músicas, lê livros.



**Figura 4:** O atual ateliê do artista Fonte: Fotografia de Mariana Reis

O ateliê , diz Buren (2009), é o único lugar onde a obra de arte está realmente em casa, portanto mais próxima de sua realidade. Para ele o ateliê funciona também como uma espécie de “boutique” que curadores e revendedores visitam a fim de fazer suas seleções. Uma vez que essas seleções foram feitas, o trabalho é transportado para o museu ou galeria, onde a sua “verdade” e “realidade” são perdidas (p. 112). Porém, vemos que esta noção de ateliê – “boutique”- não se aplica muito bem no caso dos mosaicos murais de Samú, pois ele trabalha a partir de encomendas, assim, suas obras são específicas para cada local aplicado.

O autor define a função do ateliê da seguinte maneira: “1) É o lugar de origem da obra. 2) É na maioria das vezes um lugar privado , que poderia ser uma torre de marfim. 3) É um lugar fixo onde objetos portáteis são produzidos” (BUREN, 2009, p. 110).

Assim, consideramos o ateliê como um elemento importante nas obras do artista, enquanto “o lugar da criação”, que nos remete para outros territórios que ultrapassam as quatro paredes da sua construção, e/ou como seu campo de trabalho.

Esse trabalho, longe de esgotar um assunto ou tema, pretende uma abertura ao universo do momento de criação da obra artística de Raphael Samú. Representa um esboço da relação de autoria do artista e uma pequena reflexão sobre a ligação de seu processo de criação e seu ateliê.

## Referências

- BUREN, Daniel. *The Function of the Studio*, In: ALBERRO, Alexander, STIMSON, Blake. *Institutional Critique: an anthology of artists' writings*. Cambridge: MIT, 2009.
- LYNCH, Kevin. *A imagem da Cidade*. São Paulo: Martins Fontes, [1960] 1997



- 3 Lazareto
- 4 Quatrel da Policia. em Construção
- 5 Convento de São Francisco
- 6 Porto dos Padres
- 7 Igreja de São Gonçalo
- 8 Igreja de São Tiago
- 9 palacio do Governo
- 10 Gais do Imperador
- 11 Igreja da Misericordia
- 12 Igreja de Santa Luzia
- 13 Convento de S. Carlos

# ARTISTAS, AUTORIA E AS PRÁTICAS COLABORATIVAS

JOSÉ CIRILLO • FERNANDA GARCÍA GIL • ÂNGELA GRANDO (ORG.)



## Editora Intermeios

Rua Luís Murat, 40 – Vila Madalena  
São Paulo, SP – Brasil  
CEP 05436-050  
Fone: 2338-8851

## Editoração e projeto gráfico

Thaís André Imbroisi

## Obra da Capa

Detalhe de documento de processo de  
Piatan Lube para a obra Caminho das  
Águas (2009-2013)

## Organizadores

José Cirillo, Fernanda García Gil  
e Ângela Grandó

## Conselho Editorial

Alexandre Emerik; Almerinda Lopes;  
Aissa Guimarães; Ângela Grandó  
Bezerra; Aparecido José Cirillo; Cecília  
Almeida Salles; Cesar Floriano dos  
Santos; Diana Ribas; Gisele Ribeiro;  
Isabel Sabino; Nuno Sacramento; João  
Queiroz; Luís Jorge Gonçalves; Marta  
Strambi; Mauricius Farina; Luiz Sérgio  
Oliveira, José Luiz Kinceler, Pilar M.  
Soto Solier; Teresa Fernanda García  
Gil; Maria de Fátima Morethy Couto;  
Ricardo Maurício Gonzaga; Silvia  
Anastácio Guerra; Waldir Barreto.

## Editor

José Cirillo

---

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP

---

C578 Cirillo, José, Org.; Gil, Fernanda García, Org.; Grandó, Ângela, Org.  
Artistas, autoria e as práticas colaborativas. / Poéticas da Criação, E.S. 2013.  
Organização de José Cirillo, Fernanda García Gil e Ângela Grandó. – São Paulo:  
Intermeios, 2013.  
504 p.; il.; 15 x 21 cm

*Seminário Íbero-Americano sobre o Processo de Criação 4 a 7 de dezembro de 2013, Vitória  
- Espírito Santo*

ISBN: 978-85-64586-68-0

1. Crítica Textual. 2. Arte. 3. Crítica Genética. 4. Criação Artística.  
5. Criação Literária. 6. Criatividade. 6. Processo de Produção. 7. Produção Literária. 8. Proces-  
so de Criação. I. Título. II. Poéticas da criação. III. o artista como autor e as práticas colabo-  
rativas na arte contemporânea. IV. Seminário Íbero-Americano sobre o Processo de Criação.  
V. Cirillo, José, Organizador. VI. Grandó, Ângela, Organizadora. VII. Gil, Fernanda García.  
VIII. Intermeios - Casa de Livros e Artes.

CDD 801.959

---

**FAPEs**  
FUNDAÇÃO DE APOIO À RECURSOS ESPÍRITO SANTO

SECRETARIA DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA,  
INOVAÇÃO, EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TRABALHO

GOVERNO DO  
**ESPIRITO  
SANTO**  
CRESCER É COM A GENTE

 **CAPES**

Ministério da  
**Educação**

GOVERNO FEDERAL  
**BRASIL**  
PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA